



Françoise Choay em *Arc et Senans*, uma análise crítica de morfologia urbana

Françoise Choay at Arc et Senans, a critique of urban morphology

Françoise Choay em Arc et Senans, uma crítica da morfologia urbana

LIMA, José Júlio Ferreira¹

SAMUELS, Ivor ²

¹ Universidade Federal do Pará, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Belém, Pará, Brasil.
jjlima@ufpa.br
ORCID: 0000-0001-5431-3529

² Universidade de Birmingham, School of Geography, Earth and Environmental Sciences. Birmingham, Reino Unido.
ivor.samuels@googlemail.com
0000-0002-7881-8975

Recebido em 02/04/2023. Aceito em 14/09/2023.

Resumo

Em outubro de 1985, o Seminário "*Morphologie urbaine et parcellaire*", organizado por Pierre Merlin, Françoise Choay e outros foi realizado em "Arc et Senans", projetado por Ledoux no século XVIII. O evento foi dividido nos temas: "A morfologia urbana vista por especialistas internacionais" e "A contribuição da análise de parcelas urbanas". O objetivo deste trabalho é discutir a contribuição de Choay nos anais do evento, tendo como referência sua extensa dedicação à etimologia em seus trabalhos sobre arquitetura e o espaço da cidade como coisas escritas que, de certa forma, permeia a produção de Choay nos campos da filosofia e da historiografia. Aqui, visando trazer reflexões no que diz respeito ao estabelecimento de uma crítica da morfologia urbana, observações decorrentes de sua participação no seminário, de leituras de suas obras "*La règle et le modèle - Sur la théorie de l'architecture et d'urbanisme*" (1980) e "*L'Urbanisme: Utopies et Réalités*" (1965), bem como o "*Dictionnaire d'Urbanisme*" editado com Merlin (1988). O resultado é uma comparação do relevante pensamento de Choay sobre a cidade e os estudos de Morfologia Urbana, hoje, após quase três décadas, na perspectiva do "*International Seminar on Urban Form*" (ISUF) e também da Rede Portuguesa de Morfologia Urbana (PNUM).

Palavras-Chave: crítica, etimologia, morfologia urbana, arquitetura, urbanismo.

Abstract

In October 1985, the Seminar "*Morphologie urbaine et parcellaire*", organized by Pierre Merlin, Françoise Choay and others, was held in "Arc et Senans", designed by Ledoux in the 18th century. The event was divided into the themes: "Urban morphology seen by international specialists" and "The contribution of the analysis of urban parcels". The objective of this work is to discuss Choay's contribution in the annals of the event, having as reference her extensive dedication to etymology in her works on architecture and the space of the city as written themes that, in a way, permeates Choay's production in the fields of philosophy and historiography. Here, aiming to bring reflections regarding the establishment of a critique of urban morphology, observations resulting from her participation in the seminar, from readings of her works "*La règle et le modèle - Sur la théorie de l'architecture et d'urbanisme*" (1980) and "*L'Urbanisme: Utopies et Réalités*" (1965), as well as the "*Dictionnaire d'Urbanisme*" edited Merlin (1988). The result is a comparison between Choay's relevant thought about the city and the studies of Urban Morphology, today, after almost three decades, in the perspective of the "International Seminar on Urban Form" (ISUF) and also of the Portuguese Network of Urban Morphology (PNUM).

Key-Words: critique, etymology, urban morphology, architecture, urbanism.

Resumen

En octubre de 1985, se llevó a cabo el Seminario "*Morphologie urbaine et parcellaire*", organizado por Pierre Merlin, Françoise Choay y otros, en "Arc et Senans", diseñado por Ledoux en el siglo XVIII. El evento se dividió en los temas: "Morfología urbana vista por especialistas internacionales" y "El aporte del análisis de parcelas urbanas". El objetivo de este trabajo es traer a colación el aporte de Choay en los anales del evento, teniendo como referente su amplia dedicación a la etimología en sus obras sobre la arquitectura y el espacio de la ciudad como cosas escritas que, en cierto modo, permean la producción de Choay en la filosofía y la historiografía. Aquí, con el objetivo de traer reflexiones sobre el establecimiento de una crítica de la morfología urbana, observaciones resultantes de su participación en el seminario, de lecturas de sus obras "*La règle et le modèle - Sur la théorie de l'architecture et d'urbanisme*" (1980) y "*L'Urbanisme: Utopies et Réalités*" (1965), "*Dictionnaire d'Urbanisme*" editado con Merlin (1988). El resultado es una comparación del pensamiento relevante de Choay sobre la ciudad y los estudios de Morfología Urbana, hoy, después de casi tres décadas, en la perspectiva del "Seminario Internacional sobre Forma Urbana" (ISUF) y también de la Red Portuguesa de Morfología Urbana (PNUM).

Palabras clave: crítica, etimología, morfología urbana, architecture, urbanismo.

1. Introdução

A chamada desta revista para contribuições sobre a obra de Françoise Choay trouxe a lembrança de um encontro promovido por um dos autores (SAMUELS, 2020) com ela em Oxford em 1998, que por sua vez tornou vivas lembranças de um evento anterior em que Choay e o outro autor (SAMUELS, 2020) participaram ¹.

Em outubro de 1985, um seminário foi realizado no Patrimônio Mundial de Arc et Senans, a notável Construção de Salinas Reais do século XVIII projetado por Claude Nicolas Ledoux. Havia vinte participantes convidados, incluindo Samuels (2020). O evento denominado "*Morphologie urbaine et parcellaire*" foi dirigido principalmente por Pierre Merlin, o notável urbanista francês, juntamente com Françoise Choay. O seminário foi dividido em dois grandes temas. O primeiro foi "A morfologia urbana vista por especialistas internacionais" e o segundo foi "A contribuição da análise de parcelas urbanas".

O evento foi patrocinado pelo *Laboratoire Théorie des mutations urbaines en pays développés*, *Institut Français d'Urbanisme* e pela *Faculta di Architettura, Politecnico di Milano*. A identidade desses patrocinadores é significativa porque, embora algumas das figuras mais eminentes da arquitetura italiana, como Gregotti, Crotti e Secchi, estivessem envolvidas, elas não figuram entre os arquitetos italianos, que desempenhariam um papel importante na fundação do Seminário Internacional sobre Forma Urbana (ISUF), inaugurado quase dez anos depois, em 1994. Entre eles figuram autores como Cannigia, Maffei e Maretto, que já haviam escrito extensivamente sobre morfologia urbana e são citados na longa lista de referências dos anais publicados. Também é interessante notar que nestes processos, enquanto a segunda metade é extensivamente ilustrada com plantas, não há ilustrações na primeira metade.

Um volume dos anais foi subsequentemente publicado em francês três anos depois (MERLIN et al 1988). Esta obra não foi traduzida para nenhum outro idioma. Choay contribuiu com uma conclusão de vinte páginas após as onze apresentações do primeiro tema mais geral, e seu trabalho constitui o foco desta contribuição.

Este breve ensaio é, portanto, o resultado de observações decorrentes da participação de Choay no Seminário de 1985 e leituras de obras de Choay, em particular os livros "*La règle et le modèle - Sur la théorie de l'architecture et d'urbanisme*" (original 1985, edição brasileira de 1985) (CHOAY, 1985) e a onipresente antologia "*L'Urbanisme: Utopies et Réalités*" (1965, edição brasileira de 1979) (CHOAY, 1979). Assim, procuramos promover uma articulação entre o relevante pensamento de Choay sobre a cidade e os estudos de Morfologia Urbana na Europa, hoje, passadas quase três décadas, na perspectiva do *International Seminar on Urban Form* (ISUF) e também da Rede Portuguesa de Morfologia Urbana (PNUM) que reúne pesquisadores de língua portuguesa no Brasil, Portugal e outros países lusófonos (ver abaixo).

O objetivo deste trabalho é a contribuição de Choay nos anais do Seminário de *Arc et Senans*, uma análise crítica à Morfologia Urbana. Tendo como principal referência sua extensa dedicação à etimologia em seus trabalhos sobre a arquitetura e o espaço da cidade como coisas escritas que, de

¹ O encontro com Choay ocorreu durante uma conferência organizada por Ivor Samuels em Desenho Urbano, então docente da Universidade de Birmingham, por volta de 1998. Em sequência à leitura da chamada da revista, este artigo foi escrito a quatro mãos sobre a participação dela na conferência aqui tratada ocorrida na França em 1985, da qual Samuels também participara e por várias vezes referida tanto devido ao tema (Morfologia urbana) como pelas qualidades arquitetônicas de *Arc et Senans*: um projeto de Ledoux para um complexo de edificações para produção de sal da realeza francesa, tombado pela UNESCO em 1982 (<https://whc.unesco.org/en/list/203/>).

certa forma, permeia a produção de Choay na filosofia e na historiografia ao pesquisar processos geradores da forma construída. Aqui, visando trazer reflexões no que diz respeito ao estabelecimento de uma crítica da morfologia urbana, com base no exame dos anais do evento e também com referência ao Dicionário organizado por Merlin e Choay (MERLIN e CHOAY, 1988).

2. Notas sobre as obras de Choay anteriores ao Seminário em *Arc et Senans*

Na busca de estabelecer uma ponte entre seus estudos anteriores e a morfologia urbana, procuramos articular sobre linguagem e etimologia e as considerações que Choay fez nos anais do seminário aqui analisados. Esse objetivo parece oportuno, pois o seminário foi realizado três anos antes da publicação do dicionário na França. Embora as obras de Choay tenham sido traduzidas para diferentes idiomas o "*Dictionnaire d'Urbanisme*" (MERLIN e CHOAY, 1988), frequentemente citado por autores brasileiros quando é necessário buscar autoridade na definição de um termo, não foi traduzido para o português e nem para o inglês.

A antologia de autores resenhada por Choay é precedida de um manifesto no qual ela estabelece sua proposta seminal sobre o que se tem escrito sobre o espaço urbano, tanto a partir da crítica da cidade e de suas mazelas com analogias da biologia quanto como uma conquista técnica, ainda que esta não seja absolutamente capaz de ser especificada. Apesar de relativamente simplificada por releituras realizadas ao longo do tempo, a proposição de que literatura e ficção realinham as visões do que se escreve sobre a cidade por posturas culturalistas ou progressistas, acrescidas de uma visão naturalista, tem em sua primeira parte o que Peixoto (2017:104) identificou como a não adesão da autora "à ideia de compor uma história do urbanismo". Na mesma obra, Choay escreve a história como um "relato factual", que muda em obras posteriores, quando ela se volta para a história como método de urbanismo. O exame do urbanismo a partir do Tratado de Cerdá em meio aos chamados "institutos" ou gêneros teóricos formados por tratados de arquitetura (principalmente o livro de regras de arquitetura de Alberti, *De re aedificatoria*) e utopias (referindo-se a Utopia, homônimo da cidade idealizada e que dá nome ao livro Utopia de Thomas More). No seu conjunto, os textos fundadores

...não constituem apenas um conjunto lógico, construtível com o auxílio de um denominador teleológico comum. Ao longo do tempo, eles apresentariam, em sua enunciação e na relação de seus componentes semânticos, regularidades formais e uma estabilidade que os transformariam numa categoria discursiva específica. (CHOAY, 1985:8)

Na sequência, propõe duas categorias para a "imensidade e a diversidade dos escritos que tratam do espaço e da cidade, os que veem o estabelecimento humano um projeto a realizar" (textos realizadores) (CHOAY, 1985: 15) "e os que se contentam em transformá-lo em tema de especulação" (comentadores) (ibid.). Realiza uma análise mais engajada de textos de tratadistas, de utópicos e de autores de textos sobre urbanismo. Para fins deste texto, merecem referência suas considerações sobre os escritos de Cerdá e suas observações sobre os termos utilizados nos textos (*Teoría general de la urbanización* publicada em 1867 (CERDÁ, 1867). De fato, aqui já existe uma forte relação com a etimologia, quando no início da obra se refere ao "preconceito das palavras" e no final da obra se refere ao contrário ao "Início do texto: das palavras às coisas" (CHOAY, 1985: 307). Embora não seja o objetivo aqui aprofundar seu posicionamento sobre o que envolve a obra de Cerdá, é uma importante referência para o que a leva a se posicionar sobre a forma urbana e o caráter científico e social envolvido no desenho urbano de Barcelona.

3. As conclusões de Choay

Em seu capítulo final da primeira parte dos anais, Choay, em suas próprias palavras, tenta dar uma interpretação objetiva e crítica às apresentações dos especialistas. Ela começa observando a grande variedade de vocábulos usados, com o mesmo termo tendo muitas vezes significados diferentes,

principalmente quando usado por idiomas diversos. Não há dúvida de que isso pode levar a alguma confusão. As duas palavras que o mundo anglófono usa para "lot" (inglês britânico) e "plot" (inglês americano) são um bom exemplo dessa terminologia confusa. Para complicar ainda mais a questão, ambas têm sentidos completamente distintos entre si, além de seu uso no discurso morfológico. Para Choay, é incomum reconhecer diferenças entre os dois "idiomas", pois ela assinala que traduziu tanto do inglês britânico (*anglais*) quanto do inglês americano. Embora certamente haja distinções na ortografia, terminologia e expressões idiomáticas entre as duas versões do inglês, talvez seja um exagero tratá-las como línguas à parte uma da outra.

No caso da morfologia, ela afirma que o italiano exerce uma "hegemonia verbal (às vezes terrorista)", e as tentativas de traduzir do italiano para outras línguas, para citá-la, muitas vezes resultam em algo "sem significado ou impossível de entender" (ibid p 148). Ela também sugere que as associações italianas têm uma conotação exótica nas universidades americanas. Em sua discussão sobre a palavra tipo muito usada, ela afirma que a entrada para a palavra tipo (tipo em italiano) em um dicionário italiano abrangente de arquitetura e urbanismo de 6 volumes (PORTOGHESI, 1969) é baseada principalmente na obra de C. G. Argan. No entanto, embora esta fonte seja mencionada, a entrada é de Gianfranco Caniggia, uma das figuras mais proeminentes do que ficou conhecido como a Escola Italiana de Morfologia Urbana (Pereira Costa, 2015). O verbete do Dicionário é quase inteiramente construído em torno da obra de autores daquela escola, que não foram incluídos entre os especialistas convidados para *Arc et Senans*. Choay cita a palavra projeto como mais um exemplo de confusão potencial. Enquanto em inglês pode significar uma obra que já foi implementada, em francês é apenas algo a ser realizado no futuro. Ela sugere que em italiano tem um significado que pode ser um ou outro dos significados em inglês ou francês (ibid p. 147).

Choay também observa as diferenças entre os papéis profissionais mudam em diferentes contextos. Em nosso campo de interesse, isso depende dos diferentes status das várias profissões envolvidas no urbanismo - um termo em si com várias interpretações linguísticas. Por exemplo, no mundo anglófono, os planejadores urbanos desfrutam de um status profissional distinto com um título profissional protegido, mas têm muito pouco significado na Itália, onde a maior parte do trabalho de planejamento urbano é realizado por arquitetos.

Uma outra diferença que ela observa é entre a propriedade da terra e como ela é registrada. Na Grã-Bretanha, os cercamentos de terra começaram no século 18 com o resultado de que a terra é mantida por um número limitado de proprietários, em contraste com a situação da Europa continental, onde a divisão da terra em faixas relativamente pequenas ainda é claramente visível em vistas aéreas. Outra diferença é o uso do cadastro, que não existe na Grã-Bretanha, para registrar a propriedade nos países latinos. As propriedades são registradas em um registro central que só é aberto ao público mediante o pagamento de uma taxa. Em contraste, na França, os mapas cadastrais são mantidos pelas autoridades locais e são abertos gratuitamente ao público.

Choay inclui uma discussão interessante (ibid p 149) sobre o papel das ideologias políticas que determinam a produção do ambiente construído. Ela observa como na Itália uma dominação por uma ideologia marxista foi rapidamente substituída por uma interpretação capitalista do desenvolvimento urbano. Para esta autora, sua sugestão explica como o trabalho de Cervellati et al (1977) Bologna "Vermelha" é visivelmente ignorado pelas atuais contribuições italianas para os artigos publicados e apresentações em conferências do Seminário Internacional sobre Forma Urbana (ISUF). Na obra de Bolonha, os tipos de construção são definidos de acordo com as classes sociais que os ocupam, por exemplo, burgueses, artesão, proletário.

A ênfase nas qualidades da forma herdada, central aos interesses dos morfólogos urbanos, é interpretada por Choay como uma reação aos resultados negativos da reconstrução do pós-guerra com base nos princípios do CIAM, que se preocupava em operar em um espaço geométrico e abstrato que exigia o apagamento do tecido urbano herdado. A forma das "cidades do passado

torna-se um instrumento operacional na luta contra a desintegração do urbanismo atual. As dimensões do tempo e da história são reintroduzidas na teoria e na prática do urbanismo de onde a vanguarda as expulsou com violência” (ibid p150). Choay cita em particular a posição radical de Gropius a esse respeito. Também é sugerido que esse interesse coincide com uma mudança durante os anos 1960 e 1970 nos interesses dos historiadores urbanos de economia, demografia e questões sociais para um mais preocupado com questões espaciais que até então haviam sido ignoradas. Em particular, o surgimento de estudos que identificaram o lote como significativo na configuração do espaço urbano. Embora ela critique “a timidez” dos historiadores quando confrontados com a realidade espacial das cidades (ibid p 151) e Choay cite vários autores franceses, não há menção a geógrafos alemães como Shluter, Geisse e Conzen que são referências para a formação do que hoje é conhecido como a escola inglesa de morfologia urbana (PEREIRA COSTA, 2015).

Um fator importante de todos os estudos históricos é sublinhar a importância dos fatores econômicos e sociais na determinação da forma urbana que nunca pode ser considerada autônoma. Somente o “imperialismo de uma análise visual pode sustentar a ficção de sua autonomia” (ibid p152). Os arquitetos querem usar estudos morfológicos em um instrumento operacional que forneça uma base científica para suas atividades de projeto. Choay é muito crítica dessas tentativas, que ela critica por sua pressa e superficialidade e atribui a suas tentativas de serem ao mesmo tempo analista e praticante. O trabalho de Aymonino sobre Paris e Viena é selecionado para crítica particular, uma vez que é acusado de “sacrificar o trabalho de segunda mão a uma ideologia” (ibid p152).

Mais interessante e relevante é a forma como os teóricos da arquitetura usaram a história urbana desde a época de Alberti para catalogar as regras da estética arquitetônica. No entanto, ela é altamente crítica da ausência de história no trabalho da geração CIAM e de autores posteriores que muitas vezes manipulam a história para atrair um grupo limitado de profissionais de uma certa persuasão. Ela descreve Giedion como um historiador de arte militante e acusa Benevolo em sua “*Storia della città*” de produzir uma caricatura, enquanto o trabalho da “equipe” de Tafuri (CIUCCI et al 1973) sobre a cidade americana é um “acúmulo de ingenuidades” e erros que fascinaram os americanos por causa de seu “exotismo” (ibid p.153).

Nota-se a identificação da cidade como fonte de formas urbanas sem reconhecer a sua diversidade que depende das suas origens e funções. Em outro parágrafo ela comenta a maneira como os morfólogos selecionam elementos urbanos como ruas e praças como se a história pudesse ser revertida. Ela sugere que esse processo pode ser comparado ao renascimento gótico britânico do século XIX (ibid p 154). Sua crítica apoia o que este autor fez do renascimento de formas tradicionais como na extensão urbana muito admirada e amplamente imitada de Poundbury (SAMUELS, 2020).

Ela considera “espantoso” observar como certos marxistas têm em alta consideração a cidade do século XVIII, que o próprio Marx considerava uma expressão de todas as qualidades negativas associadas a esse período da história (ibid p.154). Camilo Sitte é elogiado porque sua obra, que ela afirma nunca ter sido igualada, busca identificar aquelas qualidades gerais que podem ser encontradas em elementos urbanos de diferentes épocas e que podem ser investigadas cientificamente. Com a notável exceção de Hillier (um dos participantes da Conferência em *Arc et Senans*), embora ela tenha algumas reservas sobre sua abordagem, sugere-se que os morfólogos raramente tentam considerar propriedades gerais. Por exemplo, eles realizarão estudos de subdivisões de lote em uma situação em que as subdivisões de lote se tornaram irrelevantes ou as restrições do projetista mudaram completamente. Mas ela enfatiza a importância da história porque, embora seja necessário tentar criar de novo, é difícil esquecer o que aconteceu antes.

Ao conceber a forma, seja de um edifício ou de uma cidade, a responsabilidade do arquiteto é considerá-las em termos estéticos porque nem a nível social nem a nível técnico podem ser inovadoras. Choay sustenta que, a esse respeito, o papel do arquiteto-artista não mudou desde o Renascimento. (ibid p. 157). No entanto, a natureza de um edifício é muito diferente da de uma cidade

que é o resultado da interação de um grande número de atores. Enquanto a estrutura da cidade pré-industrial pode ser compreendida e interpretada por um número limitado de atores, como na obra de pintores renascentistas como Bramante, Rafael etc., a cidade moderna só pode ser compreendida em termos de fragmentos heterogêneos como parte de uma rede imposta por imperativos tecnológicos e económicos. Isto levanta a questão de saber qual é a escala máxima que o arquiteto pode fazer uma intervenção válida.

Choay continua questionando o papel do arquiteto em relação à tecnologia. Não apenas na escala urbana o projeto é dominado por considerações de engenharia. Por exemplo, não só o impacto que os engenheiros rodoviários têm na forma urbana, mas também ao nível do edifício individual. Considere, por exemplo, o trabalho de arquitetos como Hadid ou Gehry, que são elogiados por seu trabalho, mas o sucesso de seus edifícios depende das habilidades dos engenheiros que dificilmente são reconhecidas. Choay sugere que os arquitetos, se quiserem exercer controle sobre a forma, devem retornar ao seu papel anterior e trabalhar na escala de edifícios individuais. Ela reconhece que isso pode ser difícil porque a forma urbana é frequentemente promovida por meio de desenhos e imagens muitas vezes nostálgicos e ilusórios. Esta é uma observação interessante, mas pode estar restrita aos contextos francês e italiano porque na Grã-Bretanha as profissões mais envolvidas na escala urbana são as do urbanista e do agrimensor credenciado. No entanto, ela reconhece que a morfologia tem um papel legítimo na preservação do patrimônio urbano (ibid p. 160).

Ela sugere que os estudos de subdivisão de lotes podem ser uma forma de reorientar o papel dos arquitetos para que eles se envolvam em uma escala que seja “mais modesta” (p 160) em vez do que ela chama de vaidade e argumentos inválidos dos arquitetos morfólogos. Ela reconhece que suas observações podem ter utilidade operacional limitada e que a morfologia depois de vinte anos pode estar fora de moda entre os arquitetos. O capítulo termina com um longo trecho da Autobiografia Científica de Aldo Rossi (1981) que, além de autocrítica, apesar de “ser testemunha de narcisismo e auto-satisfação” (ibid p.161) resume os argumentos que foram apresentados em sua conclusão. Nele, Rossi descreve como leu, viajou e estudou cidades e que tudo o que observou e aprendeu está disposto como instrumentos em uma estante ou em um dicionário que sempre pode ser modificado ou evoluído.

4. Conclusão

A crítica de Choay à morfologia pode parecer dura, mas não é tão dura quanto a de Pierre Merlin, seu co-autor, no volume que está sendo discutido. Ele afirma que a morfologia urbana não tem base científica e carece de conteúdo teórico, que não há acordo sobre as abordagens e não tem tido nenhuma importância no ensino, com a possível exceção da Itália (ibid p. 7). Esta crítica ignora o trabalho da escola de morfologia urbana de Versalhes, da qual nenhum membro foi convidado para Arc et Senans. Além disso, é notável que nenhum geógrafo foi convidado, embora eles tenham contribuído muito para o surgimento do tema no mundo acadêmico fora das profissões de design por meio de acadêmicos notáveis como Conzen e Whitehand na Grã-Bretanha. Pode-se argumentar que os geógrafos têm a abordagem mais científica da forma urbana, em contraste com a dos arquitetos que, segundo Choay, estão preocupados principalmente em usá-la para apoiar suas abordagens pessoais em projeto.

É importante notar que este seminário foi realizado quase uma década antes do *International Seminar on Urban Form* (ISUF) emergir com sua própria revista (*Urban Morphology*) publicada regularmente desde 1997 e conferências internacionais anuais, a primeira das quais foi realizada em Lausanne em 1994 e em diversas cidades, como a ocorrida em Ouro Preto em 2007. Nos anos seguintes, sete redes regionais de morfologia urbana foram estabelecidas começando em Estocolmo em 2006 com a Rede Nórdica. A Rede Portuguesa de Morfologia Urbana (PNUM) foi iniciada em 2010. Esta tem sido uma das redes mais ativas com quatro conferências anuais realizadas no Brasil e seis em Portugal e uma revista semestral que foi publicada pela primeira vez em 2013. Se o campo da morfologia urbana



fosse tão desprovido de conteúdo, tantos estudiosos eminentes em todo o mundo estariam dispostos a se associar a ele?

A diversidade e a ausência de uma abordagem consensual identificada por Merlin derivam das diversas profissões e disciplinas acadêmicas envolvidas, que se tornaram ainda mais diversificadas nos trinta anos desde o seminário. Não é uma abordagem ou escola e aí reside sua força, então talvez seja um equívoco rejeitá-la da maneira que Merlin faz.

Choay também é crítica, mas alguns de seus argumentos têm uma validade duradoura. Em particular, sua discussão sobre a maneira como os arquitetos usam o que ela chama de imagens irrelevantes do urbano de maneiras muitas vezes nostálgicas e reconhece que isso se deve em parte ao fracasso estético e funcional da reconstrução pós-guerra. Embora ela observe a importância dos fatores econômicos na determinação da forma urbana, esta é uma observação geral e talvez ela devesse ter notado a importância especial da propriedade da terra em permitir que essas imagens irrelevantes sejam realizadas no mundo real. Este tem sido o caso, independentemente dos estilos dessas imagens, seja no caso dos projetos de ruas "no céu" de assentamentos habitacionais em empreendimentos da década de 1950, como Parkhill, Sheffield ou Brasília, ou projetos recentes, como Poundbury, citados acima, implementados pelo Ducado da Cornualha como proprietário de terras. Aqui foi implementado um empreendimento baseado em uma imagem nostálgica do passado e todas as mudanças são controladas pelo proprietário do terreno – até as cores da porta da frente das casas de propriedade privada.

Nota: as traduções do francês referidas no texto foram feitas pelos autores.

Referências

BENEVOLO, L. *Storia della citta*, Bari, Laterza. 1975

CERDÁ, I. *Teoría general de la urbanización*. Madri: Imprenta Española, 1867. Disponível em <http://books.google.com>

CERVELLATI, P.L. SCANNAVINI, R. e DE Angelis, C. *La Nuova cultura delle città*, Milan, Mondadori. 1977

CHOAY, F. *La règle et le modèle - Sur la théorie de l'architecture et d'urbanisme* (1980) *O Urbanismo, Utopias e Realidades*, uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 1979. Tradução de Dafine Nascimento Rodrigues.

CHOAY, F. *L'Urbanisme: Utopies et Réalités* (1965) *A regra e o modelo*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1985.

CIUCCI, G, DAL CO, FL MANIEN, E.; TAFURI, M.; LAPENTA, B. *La Città Americana dalla guerra civile al New Deal*, Bari: Laterza. 1973.

UNESCO, *From the Great Saltworks of Salins-les-Bains to the Royal Saltworks of Arc-et-Senans, the Production of Open-pan Salt*, <https://whc.unesco.org/en/list/203/>, acesso em 26/03/2023.

MERLIN, P. e CHOAY, F. *Dictionnaire de l'Urbanisme et de l'Aménagement*, Paris, Presses Universitaires de France. 1988.

MERLIN, P. D'ALFONSO, E. e CHOAY, C. *Morphologie urbaine et parcellaire*. Saint Denis Presses Universitaires de Vincennes. 1988.



PEIXOTO, P. A. A escrita da história como um processo: As práticas historiográficas de F. Choay. *Oculum Ensaio*, v. 14, p. 99-110, 2017. Disponível em: <https://bityli.com/XtYqA>. Acessado em: 11/04/2021.

Pereira Costa de Alvarenga, S. e Gimmmler Netto, M.M. *Fundamentos de Morfologia Urbana*, Belo Horizonte, C/Arte. 2015

PORTOGHESI, P. *Dizionario Enciclopedico di Architettura e Urbanistica*, Roma, Instituto Editorial Romano. 6 volumes. 1969.

ROSSI, A. *A Scientific Autobiography*, Cambridge, Mass, MIT Press. 1981.

SAMUELS, I. (2020) Poundbury - New urbanism traduced Focus 17 San Luis Obispo, California Polytechnic State University. <https://planning.calpoly.edu/node/1102/>

José Júlio Ferreira Lima

Professor titular da Universidade Federal do Pará. Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará. Professor do Programa de Pós-graduação em Planejamento Regional e Urbano na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Estado do Pará. Graduado em Arquitetura pela Universidade Federal do Pará (1986), mestre em Arquitetura - Fukui University (1991), mestre em Desenho Urbano - Oxford Brookes University (1994) e PhD em Arquitetura - Oxford Brookes University (2000). Bolsista de Produtividade do CNPq (PQ2) desde 2019. Tem experiência na área de Planejamento e Gestão Urbana e Regional, com ênfase em Técnicas de Planejamento e Projeto Urbanos e Regionais, atuando principalmente nos seguintes temas: planejamento urbano, desenho urbano, desenvolvimento sustentável, habitação popular e políticas urbanas.

Contribuição de coautoria: Concepção; Análise; Metodologia; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição.

Ivor Samuels

Arquiteto planejador e Fellow Senior honorário de pesquisa do Grupo de Pesquisa em Morfologia Urbana e consultor do Civic Trust Regeneration Unit (Unidade de Regeneração do órgão inglês de preservação do patrimônio cultural). Foi Chair (coordenador) do Joint Centre for Urban Design (Centro integrado de Desenho Urbano) da Oxford Brookes University, Reino Unido. Autor de artigos e livros sobre Morfologia Urbana, Assentamentos residenciais e planejamento urbano na Europa e América do Sul.

Contribuição de coautoria: Concepção; Análise; Metodologia; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição.

Como citar: LIMA, J.J.F.; SAMUELS, I. Françoise Choay em Arc et Senans, uma análise crítica de morfologia urbana. *Paranoá*, n. 35, p. 1–9, 2023. DOI: 10.18830/issn.1679-0944.n35.2023.11.

Editores responsáveis: Ana Clara Giannecchini, Elane Peixoto, Carolina Pescatori e Priscilla Alves Peixoto.

Assistente Editorial: Lucídio Avelino.